

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO IFPE: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CARTOGRAFIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Wagner Salgado da Silva (1); Ana Paula Torres de Queiroz (2)

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – Campus Recife. E-mail: wagnersalgado@hotmail.com.br

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – Campus Recife. E-mail: anaqueiroz@recife.ifpe.edu.br

Resumo

O estudo tem como objetivo geral compreender o ensino da Cartografia, a partir da prática pedagógica dos estudantes estagiários do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE. O interesse pelo tema justifica-se pelo fato da literatura nos indicar que existe uma considerável dificuldade dos professores trabalharem a Cartografia no ensino da Geografia na educação básica. Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se o estudo de caso como método. A abordagem utilizada foi do tipo qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida na EREM Professora Maria do Carmo Pinto Ribeiro, que fica localizada no bairro de Jardim Paulista, no município de Paulista, no estado de Pernambuco. Foram analisadas cinco (05) aulas de cada estagiário no ensino médio. As análises das aulas foram feitas através de observações assistemáticas. Foram aplicadas, também, entrevistas semiestruturadas com os estagiários. Além disso, foram analisados o projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – Campus Recife e a ementa do componente curricular Cartografia Básica desse curso. Compreendeu-se que as práticas pedagógicas dos estagiários possuem pouca criticidade, dinâmica e atratividade. Concebeu-se também que, a articulação da Cartografia aos conteúdos de Geografia é realizada, mas geralmente parece ser considerada uma ferramenta de ensino limitada ao mapa e ao conceito de localização, sobretudo. Diante do exposto, esta pesquisa aponta para uma necessidade de reflexão a respeito do ensino das disciplinas pedagógicas e, sobretudo, da Cartografia Básica. Diante disso, sugere-se aos saberes específicos e pedagógicos do referido curso, ensinar a ensinar a Geografia escolar.

Palavras-chave: Cartografia, ensino-aprendizagem, Estágio Supervisionado, formação docente, Geografia.

1. Introdução

Este artigo apresenta os resultados do projeto de pesquisa: a formação de professores no IFPE e os cursos de Licenciaturas: um estudo sobre o processo de implantação e as práticas curriculares.

O interesse por este tema surgiu da curiosidade em analisar como os estagiários da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE – Campus Recife, utilizam os saberes cartográficos em suas aulas, ponto importante para o processo de aprendizagem da Geografia escolar.

Chevallard (1991, *apud* MATOS FILHO; *et al.*, [2008]) realça que o conhecimento acadêmico não chega à sala de aula de forma científica. O licenciando o recebe e o transforma

em conteúdo escolar. “É então que entra em cena a Transposição Didática. Esse processo diz respeito à passagem do Saber de uma Instituição à outra; passagem esta que imprime novas formas [...]” (BROUSSEAU, 1986, *apud* MATOS FILHO; *et al.*, [2008]).

O Estágio Supervisionado é fundamental no processo formativo docente, haja vista que é o momento em que o estagiário se nutrirá de experiências do cotidiano escolar (LIMA e PIMENTA, 2012). É nesse componente curricular que o futuro professor poderá exercitar a transposição didática, acerca da união entre teoria e prática pedagógica.

Ao tratar-se do ensino da Geografia escolar, torna-se essencial a articulação dos seus conteúdos com os conhecimentos básicos da Cartografia, com vistas à superação da lógica da fragmentação dos saberes, que ainda norteia o ensino da Geografia.

Por falar em fragmentação de saberes, Lima e Pimenta (2005 e 2006) destacam que num curso de formação docente, como no nosso caso, o da Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, todas as disciplinas (específicas e pedagógicas), devem ter como finalidade a formação dos licenciandos para a educação básica.

Não só as disciplinas de Estágio Supervisionado, muito menos aquelas reservadas à prática de ensino, devem ter esse objetivo como finalidade, mas também, aquelas consideradas de caráter específico. Pois, de acordo com as referidas autoras, nos cursos de licenciaturas, todos os saberes são, ao mesmo tempo, teoria e prática e, assim, indissociáveis. Nesse sentido, o ensino de todos os componentes curriculares de um determinado curso, necessitam apresentar condições metodológicas, para que esse objetivo, de fato, seja concretizado na realidade.

A Cartografia é uma ciência primordial para a delimitação (localização), espacialização (distribuição no espaço), comparação (entre distintos lugares, escalas, entre outros aspectos) e compreensão de fenômenos geográficos por meio das representações cartográficas no ensino da Geografia escolar.

A Cartografia entendida como um saber técnico, matemático, complexo e de difícil compreensão, encaixa-se numa visão tradicional de sua história ao longo do tempo. Segundo Matias (1996), a visão tradicional da Cartografia era compreendida até à década de 1960, e que, a partir dessa época, essa ciência começou a adquirir uma abordagem mais crítica.

De modo geral, em sua história tradicional, a Cartografia era entendida por esse viés, porque a preocupação era acerca, principiante, da estética dos mapas, como principal elemento. Em seguida, dissipou-se uma visão cartográfica mais técnica. Nesse sentido, a tecnicidade fazia parte da produção dos mapas. As principais finalidades dos mapas, e talvez as únicas, eram a estética e a tecnicidade ao elaborá-los. Tudo indica que não havia mais aspectos a serem considerados na construção desses objetos de representação gráfica (IBID., 1996).

Ainda com Matias (1996), a partir de 1966, a Cartografia teve uma nova roupagem. Além de considerá-la somente através da estética e da tecnicidade, antes de 1960, a partir de 1966, a difusão do conhecimento geográfico, passou a ser um marco também fundamental na comunicação visual cartográfica.

Isso quis dizer que, a partir de 1966, os fenômenos geográficos passaram a serem lidos e interpretados, também, pela Cartografia. As representações cartográficas, sobretudo, os mapas, foram essenciais para atingir a finalidade de compreensão espacial geográfica. Com isso, a obtenção de dados e informações pela interpretação do espaço seriam transmitidos à sociedade. Assim, a Cartografia se tornou um importante meio de comunicação visual interpretativo de signos, símbolos e objetos contidos nas inúmeras representações gráficas.

Foi também a partir de 1966, que a Cartografia recebeu sua primeira definição oficial (IBID., 1966), a saber:

O conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas que, tendo por base os resultados das observações obtidas pelos métodos e processos diretos, indiretos ou subsidiários de levantamento ou exploração de documentos existentes, destinam-se à elaboração e à preparação de mapas e outras formas de expressão, assim como a sua utilização (ASSOCIAÇÃO CARTOGRÁFICA INTERNACIONAL – ACI, 1973, *apud* CASTROGIOVANNI E SILVA, 2016, p. 145).

De modo geral, a compreensão dessa definição apresenta a Cartografia como uma ciência capaz de unir ciência, arte e técnica, bem como ao caracterizá-la como um saber que oferece possibilidades à criação, à preparação e à utilização de representações cartográficas de fenômenos geográficos presentes no espaço. Portanto, a Cartografia é muito mais que um saber técnico, matemático, complexo e de difícil compreensão. É uma ciência que auxilia a Geografia enquanto um saber essencial à compreensão socioespacial.

A maneira que a Cartografia é utilizada no ensino da Geografia, é o que a tornará ou não atrativa aos olhos dos educandos. Uma abordagem cartográfica com representações sociais e/ou com a criação de mapas mentais, por exemplo, a aula terá mais sentido e significado para eles.

A princípio, desde as contribuições iniciais adquiridas em 2016, como participante do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, somadas às observações da prática pedagógica, realizadas nos Estágios Supervisionados, em um segundo momento, criou-se o interesse de desenvolver esta pesquisa. Pois, em ambas as experiências, compreendeu-se que os professores de Geografia (acadêmicos e da educação básica) possuem uma considerável dificuldade em trabalhar a Cartografia no ensino da Geografia.

Com base no que foi exposto até aqui, tem-se, como objetivo geral: compreender o ensino da Cartografia, a partir da prática pedagógica dos estudantes estagiários do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE. E, como objetivos específicos: analisar o projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia, quanto ao ensino da Cartografia, visando sua contribuição para o exercício da docência, e identificar a articulação dos conteúdos da Geografia escolar com a Cartografia nas aulas dos estudantes estagiários.

2. Metodologia

Inicialmente, para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico, onde o pesquisador reuniu as principais obras a respeito do tema de interesse. O método adotado foi o estudo de caso. De acordo com Gil (2002), esse método é caracterizado pelo aprofundamento do objeto de estudo, a fim de conhecê-lo ao máximo.

A abordagem utilizada foi do tipo qualitativa. Esse tipo de abordagem visa explicar a inter-relação dinâmica entre sujeitos e fenômenos. A análise de fenômenos e, segundo Minayo (1994), a consideração de significados, sentidos, princípios, valores, hábitos, costumes, tradições... são características dessa pesquisa. É um tipo de abordagem que se centra mais na subjetividade.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Referência em Ensino Médio – EREM Professora Maria do Carmo Pinto Ribeiro, que fica localizada no bairro de Jardim Paulista, no município de Paulista, no estado de Pernambuco.

A amostra foi definida como intencional, pois os estudantes selecionados, possuem as características preestabelecidas para participação neste estudo, a saber: quatro (04) estudantes cursistas do componente curricular Estágio Supervisionado III.

É válido realçar que, foram selecionados apenas quatro (04) estagiários para participarem desta pesquisa, porque alguns não permitiram a observação de suas aulas pelo pesquisador, e, assim, recusaram participar. Já outros não participaram, porque já trabalhavam como professor de fato. A prática de estágio para esses foi “substituída” pelo exercício profissional docente, a fim de não comprometer seus empregos.

A etapa III do componente curricular Estágio Supervisionado, tem como um dos seus objetivos principais, o início do exercício docente na educação básica. Isso, através da preparação de sequências didáticas e de sua aplicação nessa etapa do sistema educacional pelos estagiários. A regência em sala de aula é o ponto chave dessa disciplina. Já nos Estágios Supervisionados I e II, o ponto fundamental é a observação.

Foi escolhida a disciplina de Estágio Supervisionado III e não as demais, porque, das quatro existentes no curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, no período entre 2017.2 e 2018.1, foi a única que tinha como atividade principal o exercício da docência pelos estagiários.

Foram analisadas cinco (05) aulas de cada estagiário no ensino médio. Um total de vinte (20) aulas, distribuídas ao longo de quatro (04) meses de prática de estágio. A fim de não haver dúvidas e obter o máximo de entendimento, os estagiários foram classificados desta forma: estagiária 01 (E1), estagiário 02 (E2), estagiário 03 (E3) e estagiário 04 (E4).

As análises das aulas foram feitas através de observações assistemáticas ou simples, onde o pesquisador procurou compreender a articulação da Cartografia ao ensino da Geografia e os impactos dessa articulação no processo de aprendizagem.

É interessante salientar que esse tipo de observação permite maior liberdade ao pesquisador no momento de sua execução, sem perder de vista a manifestação e atuação dos fenômenos e o controle das informações adquiridas (GERHARDT, *et al.*, 2009). Nesse sentido, não são permitidos planejamentos prévios de quaisquer naturezas.

Além da referida técnica de pesquisa, como um dos instrumentos para coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Para a discussão deste artigo, foram selecionadas e aplicadas, apenas, três (03) perguntas das entrevistas, consideradas as de maior fundamento para o seu desenvolvimento. Ao todo, foram obtidas doze (12) respostas.

A entrevista semiestruturada é um tipo de técnica de pesquisa, onde “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (IBID., 2009, 72).

Além das observações e das entrevistas, analisou-se o projeto político pedagógico (P. P. P) do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, e a ementa do componente curricular Cartografia Básica do referido curso, como partes essenciais dos instrumentos para coleta de dados.

3. Resultados e discussão

Segundo o P. P. P. do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – Modalidade Presencial (2014), informa que o profissional formado terá aptidão para articular e

contextualizar os diferentes saberes (específicos e pedagógicos), que compõem a sua área de conhecimento, com os fenômenos geográficos em seu exercício docente.

A Cartografia Básica, como um dos componentes curriculares do referido curso, possui papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, acerca dos seus conhecimentos básicos.

Acerca de análises gerais da ementa desse componente, comparadas às aulas dos estagiários, por meio de observações *in loco*, o ensino da Cartografia Básica pouco condiz com os objetivos do mencionado curso. Pois, a prática docente exercida pelos estagiários (apresentada mais adiante junto com a descrição de suas entrevistas), faz-nos conceber que há uma insipiente articulação dos seus conteúdos (específicos) com os pedagógicos, e uma pequena preocupação do seu ensino voltado à educação básica.

Em relação ao nosso objeto de estudo e, de forma mais específica e aprofundada, ao referir-se à ementa, foi analisado o item dois (02) da seção “metodologia”. O mesmo diz respeito a “aulas práticas em sala, visando o desenvolvimento das habilidades cartográficas”.

Ao comparar esse item com as aulas dos estagiários em campo, compreende-se que eles pouco adquiriram habilidades cartográficas, uma vez que utilizam as representações cartográficas, na maioria das vezes, de maneira superficial e descritiva, sem criatividade e criticidade. Isso, faz-nos pensar que pode ter sido em função do ensino da Cartografia Básica. Ou, então, pode ter sido, também, em virtude da própria escolha dos estagiários em ensinar a Cartografia escolar de várias outras maneiras.

Uma das alternativas interessantes seria se as atividades práticas desenvolvidas no ensino desse saber fossem a partir da elaboração de mapas e da leitura e interpretação crítico-reflexiva dos seus signos e símbolos. O ensino nesse sentido, poderia se tornar significativo e, assim, ter condições de alcançar a linguagem cartográfica, tendo em vista que os fenômenos geográficos seriam compreendidos em sua plenitude pelos educandos (CASTELLAR, 2017).

Caso contrário, acerca de uma leitura com mera descrição dos signos e símbolos contidos nos mapas, resultaria na formação de um estudante desprovido de conhecimento crítico-reflexivo de sua realidade. Dessa forma, os fenômenos geográficos passariam despercebidos de suas percepções, como se não houvesse nenhum deles em atuação. É por isso que esse a linguagem cartográfica é indispensável no ensino da Cartografia.

A fim de obter uma melhor compreensão acerca das práticas pedagógicas dos estagiários, adiante, serão apresentadas algumas de suas respostas relativas às entrevistas, além de compará-las e contextualizá-las com as observações realizadas de suas aulas.

Através desta pergunta: “como você utiliza os conhecimentos cartográficos em suas aulas de Geografia?” “[...] *procuro utilizar um mapa, né, pra questão de localização [...]*” (E1). “[...] *Eu trabalho principalmente com a localização em relação ao Sol. [...]*” (E3). “*Eu geralmente uso pra localizar eles no mapa, no caso, onde o evento que eu estou abordando aconteceu, como aconteceu. [...]*” (E4).

Em suas respostas, os E1, E3 e E4, enfocam o conceito de localização. Para eles, é como se a Cartografia fosse um simples saber ao ponto de restringi-la ao referido conceito. A localização para a ciência cartográfica é muito relevante, mas é o ponto inicial para leituras e interpretações de representações gráficas. A Cartografia é muito mais que uma simples localização e descrição de fenômenos geográficos.

O E4 deixou claro que aborda como determinado fenômeno geográfico aconteceu. Quando comparada sua resposta à observação realizada a respeito de sua prática docente, quase não se vê exploração aprofundada dos fenômenos. No tocante aos estagiários 01 e 03, de fato, é um pouco mais evidente a delimitação de fenômenos em sala de aula.

A principal compreensão extraída dessas respostas, articuladas às observações do pesquisador em campo, é a carência de um ensino mais crítico-reflexivo, pois a Cartografia é limitada ao conceito de localização e sem a devida contextualização dos fatos presentes nos conteúdos de Geografia. Assim, pode-se considerar que tais aspectos relativos à metodologia docente, compõem os princípios da concepção “bancária” da educação, bastante criticada por Freire (1987), ao passo que possui ideologias tradicionais, conservadoras e opressoras.

Ao comparar esta resposta com as observações em campo acerca de sua prática, o E2 foi o que mais se apropriou de aspectos contidos numa abordagem crítica. No início de suas aulas, ele explica que usa “*imagens que tem a ver com o assunto, antes de dizer qual é o assunto, que é pra ter toda a indagação, questionamento. Depois, puxo, por exemplo, o assunto da aula, o que ele significa [...]*”.

Ao trazer essas considerações para a realidade, suas aulas geralmente possuem um caráter bem dinâmico. É tanto, que o interesse pelos educandos é assegurado. O E2 é flexível em suas aulas. Ele sempre abre espaços para a interação e participação discente. Há uma boa quantidade de educandos que se sentem atraídos por sua aula, pois ele sempre diversifica ao trazer aspectos variáveis, como em relação a representações cartográficas.

Quanto à pergunta: “quais os impactos que as disciplinas pedagógicas provocaram em sua prática docente atual?”. A E1 salientou que “*contribuíram bastante e ajudam [...] quando a gente vai lecionar a gente precisa desses conhecimentos pedagógicos, porque a gente vai,*

tipo: como lhe dar em determinadas situações; como fazer um plano de aula, como fazer uma introdução de uma aula; isso tudo requer as disciplinas pedagógicas. [...]”.

Já o E2, de modo bem direto e sucinto, responde que *“muito pouco. Porque aqui é cada um por si, Deus por ninguém e acabou-se. No caso, se você não fizer, não é professor de educação que vai fazer por você não, você que se vire, fim. É só isso”*.

O E3 afirmou que as disciplinas pedagógicas foram muito importantes e, assim, contribuíram ao seu ensino. *“[...] Então, a partir disso, eu busco elaborar minhas aulas de forma dinâmica, que tanto o aluno que aprende na forma tradicional, quanto aquele que gosta das formas lúdicas de aprendizado possam aprender o mesmo conteúdo. [...]”* (E3).

O E4 fala que *“[...] precisava no caso me desapegar daquela ideia do professor, somente na frente da sala falando, levando conhecimento e encarando os alunos como se fosse um, como se dizia numa tábula rasa, que somente absorveu os conhecimentos. [...]”*.

Acerca das observações no campo de estágio, comparadas às referidas respostas, compreende-se que, embora os E1 e E3 responderam que há relevância e grande contribuição das disciplinas pedagógicas em suas regências de aulas, as observações *in loco* mostraram que eles possuem muita dificuldade em ensinar de maneira dinâmica, atrativa e crítica. Da mesma forma o estagiário 04. Suas aulas se assemelham àquela concepção “reacionária”.

Apesar de o estagiário 02 ter afirmado que o corpo docente da área de Educação da Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus Recife* não atendeu às suas expectativas, suas aulas são o inverso das dos seus colegas, visto que se aproxima da Educação Libertadora, Problematicadora, proposta por Freire (1987). Entretanto, no tocante a todos, há uma maior necessidade de um ensino com maior inclinação à criticidade e à reflexão socioespacial.

Conforme o mencionado autor, essa perspectiva educacional possui capacidade de superação à concepção “bancária”. De acordo com ele, aquela vertente possui metodologias contrárias a essa, sendo essa mais significativas ao processo de ensino-aprendizagem e comprometidas com uma educação crítica, autônoma, emancipadora e transformadora. Logo, é considerada uma perspectiva “revolucionária”.

Esta foi a última pergunta apresentada, a saber: “para você, de que forma o ensino da Cartografia Básica, contribuiu-lhe em sua prática profissional atual?”. A E1 elucidou que *“contribuiu, porque eu não tinha uma noção do que era Cartografia [...]. Então, ele me ajudou bastante pra compreender o que é a Cartografia, como utilizar a questão de escala, como fazer a conta, né, porque eu tenho uma dificuldade em Matemática. [...]”*.

O E2 falou que *“ajudou muito, porque mostrou outras representações, outras dinâmicas e os usos do mapa. [...]”*. Já o E3 disse, falou o seguinte: *“rapaz, na prática, posso ser bem*

sincero, não contribuiu em nada. [...]”. O E4 destacou que “foi uma disciplina que foi mais pra entender como se fazer mapas, essas coisas, né [...]. Então, assim, ajudar, ajudou bastante a entender o mapa, saber as orientações e tudo mais [...]”.

As observações realizadas em sala de aula a despeito da prática pedagógica dos estagiários, comparadas a tais respostas das entrevistas, fizeram-nos adquirir algumas compreensões pertinentes abaixo esmiuçadas.

Através de observações executadas de suas aulas, percebeu-se que a E1 pouco possui, de fato, uma compreensão a respeito da Cartografia. Outro ponto é entender a Cartografia como uma ferramenta matemática. É como se suas contribuições fossem restritas às fórmulas matemáticas. A Cartografia é vista, de modo geral, como um saber matemático, onde muitas vezes é reproduzida pelos geógrafos educadores dessa maneira.

Quanto ao E3, considerando suas aulas, com pouca articulação de conhecimentos cartográficos, pode-se dizer que são resultados de sua resposta acima apresentada. O E4 afirmou que houve uma grande contribuição na formulação e no entendimento de mapas. Ao comparar sua resposta com suas aulas, nota-se que há uma discrepância, pois não há dinâmicas em sala de aula que promovam a elaboração e o entendimento de mapas.

A partir do que foi exposto nesta sessão até aqui, compreende-se que a Cartografia é pouco aprofundada, pois é restrita ao mapa e ao conceito de localização, somente. O mapa, apesar de ser uma das representações cartográficas mais cruciais e utilizadas até hoje, não é a única pertinente ao ensino da Geografia. O conceito de localização, para a ciência geográfica, é bastante fundamental. É tanto, que um dos seus princípios essenciais, é o princípio da extensão, o primeiro da lista da referida ciência, inclusive, que significa localização ou delimitação do fenômeno geográfico no espaço.

Logo, restringir a ciência cartográfica ao mapa e ao conceito de localização, apenas, diz o quão os estudos sobre a mesma são pouco aprofundados pela maioria dos geógrafos educadores. No ensino da Geografia, a Cartografia aparenta ser sempre deixada em segundo plano, quando deveria estar sempre em primeiro plano. Pois, ao tratar-se de Geografia, que tem como objeto de estudo o espaço, a Cartografia se torna uma ferramenta muito importante para ser acionada com os conceitos de delimitação e espacialização, bem como com a compreensão de determinados fenômenos em diversas escalas geográficas no espaço acerca de várias representações gráficas.

Dessa forma, entende-se que a Cartografia na contemporaneidade é utilizada de modo limitado e com pouca relevância. Esses aspectos são considerados, porque essa ciência é vista como um saber técnico, que só serve para os conteúdos cartográficos de fato, que na maioria

das vezes são conteúdos muito técnicos. No entanto, pode ser utilizada em qualquer conteúdo ou abordagem geográficos, acerca de seus instrumentos representativos do espaço. O fato de a Geografia estudar o espaço, já mostra o quão crucial pode ser a contribuição da Cartografia nesse sentido, através da representação de fenômenos geográficos presentes na realidade.

Em relação às lacunas deixadas pelos estagiários no momento de suas aulas, captadas *in loco* pelo pesquisador, compreendeu-se que indica haver contribuição dos saberes acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife. Como também, pode existir influência a partir da própria escolha dos estagiários por um ensino cartográfico num modelo de educação com pouca dinâmica, atratividade e conhecimento crítico-reflexivo.

4. Conclusões

Compreendeu-se que as práticas pedagógicas dos estagiários possuem pouca criticidade, dinâmica e atratividade. Tudo indica que isso pode ser reflexo do ensino do componente curricular Cartografia Básica e das disciplinas pedagógicas (essenciais à formação de um futuro educador) do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, que devem possuir abordagens semelhantes às dos estagiários. Assim sendo, é provável que os estagiários reproduzem os conhecimentos em suas aulas da mesma maneira que receberam, quando ainda eram estudantes de tais saberes acadêmicos.

Concebeu-se também que, a articulação da Cartografia aos conteúdos de Geografia é realizada, mas geralmente parece ser considerada uma ferramenta de ensino limitada ao mapa e ao conceito de localização, sobretudo. Tais aspectos notados ficaram evidentes a partir das observações realizadas em campo acerca das aulas dos estagiários e, principalmente, através de suas respostas no momento de aplicação das entrevistas.

Diante do exposto, esta pesquisa aponta para uma necessidade de reflexão a respeito do ensino das disciplinas pedagógicas e, sobretudo, da Cartografia Básica. Embora componham o currículo de um curso de licenciatura, alguns aspectos de suas abordagens indicam estar em dissonância com um dos principais objetivos da Licenciatura em Geografia do IFPE. Esse objetivo concerne ao trabalho da articulação e contextualização dos saberes específicos e pedagógicos, que integram a área de conhecimento do profissional egresso, com os fenômenos em atuação no espaço.

Diante disso, sugere-se aos saberes específicos e pedagógicos do referido curso, ensinar a ensinar a Geografia escolar, levando mais em conta a etapa educacional, suas peculiaridades

e seus perfis estudantis, entre outros aspectos relacionados e importantes, que os licenciandos, futuros educadores, deparar-se-ão.

Embora o ensino dos componentes curriculares dos cursos de licenciaturas possua papel fundamental no processo formativo docente dos licenciandos, esses também têm seu dever no processo. Os graduandos não devem pensar que é apenas a partir dos educadores, a obrigação de criar condições para o seu processo formativo, haja vista que também têm o seu papel, como discentes, claro, no referido processo.

A partir deste artigo, espera-se contribuir, no que tange à importância das discussões aqui realizadas sobre a articulação (ou desarticulação) entre os distintos saberes (específicos e pedagógicos) do conhecimento e seus impactos diretos e indiretos no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

Novas pesquisas podem ser realizadas a partir dos dados obtidos neste artigo, através do aprofundamento acerca de estudos sobre os impactos da articulação (ou desarticulação) entre o ensino da Geografia com o da Cartografia, cruciais ao processo de aprendizagem. Mais pesquisas também podem ser realizadas a partir do empenho em estudos voltados para cursos de licenciaturas, nesse caso, o da Licenciatura em Geografia do IFPE – *Campus* Recife, pois têm chamado a atenção para o processo de formação docente.

5. Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE**. Modalidade presencial. Recife: MEC/SETEC, 2014. 164 p. Disponível em:

<http://www.ifpe.edu.br/campus/recife/cursos/superiores/licenciaturas/geografia/projeto-pedagogico/ppc_geografia.pdf>. Acesso em: 01/09/2018.

CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun., 2017.

CASTROGIOVANNI, A. C.; SILVA, P. R. F. A. A dialógica entre a Cartografia no ensino básico e o sistema de informação geográfica nos pleitos territoriais. In: **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. (Org.): CASTROGIOVANNI, A. C.; COSTELLA, R. Z.; KAERCHER, N. A.; TONINI, I. M. Porto Alegre: Editorial Letra 1, p. 143-153, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, T. E. *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: **Métodos de pesquisa**. (Org.): Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. (Coord.): Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica, Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**. 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

_____. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, Catalão – Goiás, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

MATIAS, L. F. "**Por uma Cartografia geográfica** – uma análise da representação gráfica na Geografia". 1996. 476, f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATOS FILHO, M. A. S.; *et al.* A transposição didática em Chevallard: as deformações/transformações sofridas pelo conceito de função em sala de aula. In: **VIII Congresso Nacional de Educação – VIII EDUCERE**, Curitiba – PR. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – VIII EDUCERE. p. 1191-1201, [2008]. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/431_246.pdf>. Acesso em: 02/09/2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.